

A close-up photograph of a brown snake's head, showing its scales and eyes. The snake's tongue is flicking out, and the background is a blurred, textured surface of brown and orange tones.

CLIVE BRADY suspirou de prazer ao sair do rio. Ferroviário, de 63 anos, ele se sentia feliz por ter preferido nadar em vez de ir às corridas com a mulher, Blanche, naquele dia 31 de agosto de 1991. Um mergulho no tranquilo rio Barron, ladeado de árvores, em Queensland do Norte, na Austrália, era para ele um ritual quase diário há mais de 50 anos.

Depois, Brady calçou-se e dirigiu-se para casa por uma trilha ao longo da margem. De repente, sentiu-se gelar. A 1,5 m, uma enorme cobra de pele cor de cobre corria em sua direção. Brady reconheceu imediatamente a cabeça em forma de caixão de defunto, os olhos alaranjados e as pintinhas cre-

Atacado por uma cobra!

Em sete botes, doses mortíferas de veneno foram lançadas em sua corrente sanguínea.

JIM HUTCHISON

me na garganta: a máscara letal da cobra *taipan*.

Onze dos ofídeos mais venenosos do mundo habitam a Austrália, mas este era o que ele mais temia. Rápido e feroz quando ameaçado, pode injetar em instantes veneno suficiente para matar sua presa. Com um arrepio de medo, Brady tentou sair de seu caminho, mas a cobra, de 1,82 m, era rápida demais. Com a cabeça esticada em atitude de fúria, ela se empinou e, como um raio, investiu contra a perna esquerda dele, atirando ao chão seus 72,5 kg.

Num instante, ela atacou sete vezes. A cada bote, músculos poderosos recarregavam instantaneamente a cavidade de seus dentes pontiagudos como agulhas com o veneno produzido pelas glândulas que ficavam sob seus olhos, permitindo-lhe injetar nas picadas doses consecutivas de poder mortífero. Depois, a cobra subitamente girou e refugiou-se na vegetação.

Brady dobrou a perna, atordoado. Logo acima do joelho, o sangue jorrava de 14 perfurações numa ferida do tamanho de um punho. Ele sabia que o veneno invadiria sua corrente sanguínea em minutos.

Tentou dominar o pânico. Por um golpe de sorte, o hospital de Mareeba ficava a menos de 1 km de distância, mas, para chegar lá, ele teria de atravessar o rio a vau e percorrer uma trilha íngreme. Tentando esquecer a dor, levantou-se e caminhou, coxeando. Que tempo lhe restaria? Talvez apenas minutos, caso não conseguisse ajuda.

Como tentáculos mortais, os componentes do veneno estavam se espalhando por seu corpo todo. O mais rápido deles era certa neurotoxina que bloqueia as emissões do cérebro, ataca os olhos, depois os membros e o diafragma, causando paralisia, asfixia e morte.

Brady começou a ter visão dupla. Mal conseguia distinguir a trilha. As pernas tremiam-lhe. Sentia o tronco dormente e a respiração entrecortada. Fizera aquele percurso milhares de vezes, mas agora ele não lhe parecia nada familiar. «Estarei seguindo o caminho certo?», perguntava-se ele. Então, ouviu vozes perto dali.

BRIAN Eakin, de 37 anos, inspetor ferroviário da Estrada de Ferro de Queensland, viera ao rio com a irmã, Rhonda, e suas respectivas famílias, para uma tarde de natação.

Um grito rouco atraiu-lhes a atenção. Na margem oposta, um homem cambaleava. «Amigo, pode me dar uma ajuda?», pediu ele. «Fui mordido por uma cobra.»

«Deite-se aí e fique onde está!», gritou para ele Eakin, que, com seu filho Rob, de 16 anos, passou a vau o rio e subiu pela margem. «Mas é o Clive Brady!» Eakin reconheceu o homem que o ajudara há 17 anos, quando começara a trabalhar na ferrovia. O rosto de Bryan estava cinzento e seu olhar vazio. «Clive, sou eu, o Brian Eakin. Que foi que aconteceu?»

«Uma *taipan* me pegou», disse Brady, ofegante. «Não estou enxergando nada.»

«Agüenta aí», pediu-lhe Eakin. «Vou buscar ajuda.» Brady mandou que Roy ficasse junto de Brady, voltou a mergulhar no rio e correu para o Hospital de Mareeba.

A AUXILIAR de enfermagem Bernie Jo Tonon ia largar o turno quando Eakin apareceu no hospital. «Um homem foi mordido por uma cobra. Está lá na beira do rio», disse ele, ofegante. Enquanto outra enfermeira telefonava pedindo uma ambulância, Bernie Jo pegou uma compressa para retardar a dispersão do veneno pelos membros e pôs-se a caminho.

BRADY era agora acometido de dores lancinantes. O esforço que fazia para respirar cobria-lhe o corpo de suor, mas ele lutava tenazmente para se manter consciente. «Se desfaleço, talvez não volte a acordar», pensou.

Guiada por Eakin, Bernie Jo atravessou o rio e foi até onde Brady estava. «A ambulância está chegando», tranqüilizou-o, enquanto tratava das picadas. «Tem certeza que era uma *taipan*?»

«Tenho. Já vi montes delas», murmurou Brady, sem fôlego. Depois, em pânico, Bernie Jo o viu deixar pender a cabeça e emudecer.

A delicada jovem de 19 anos teve de fazer força para virar Brady de lado e inclinar-lhe a cabeça, de modo a facilitar sua respiração. Tateou-lhe a carótida. A pulsação estava rápida demais.

O motorista da ambulância, Steven Qazim, chegou ao local e, com a ajuda dela, de Brian e de Rob Eakin,

fixou Brady na maca. Atravessaram o rio e, na subida da margem, Brady estertorou, seu peito deixou de mexer e seus lábios ficaram azulados. «Ele parou de respirar!», gritou Bernie Jo.

«Controle o pulso», pediu Qazim. «Se não senti-lo, comece com a reanimação cardiopulmonar.»

Enquanto ele ia à ambulância pedir reforços, Bernie Jo se ajoelhou ao lado de Brady. Procurou se lembrar do que fazer, pois só praticara reanimação num manequim. Puxou a cabeça de Brady para trás, fez-lhe a respiração boca a boca e tomou-lhe o pulso. Nada. Iniciou então a massagem cardíaca e continuou com a respiração boca a boca. «Vamos lá!», exclamava, repetindo a seqüência. Então, Brady vomitou e começou a respirar. Ele foi posto rapidamente na ambulância.

No hospital, a Dra. Cheryl Harnischfeger, de 26 anos, mediu a pressão de Brady. «8/6!» Esses valores tão baixos indicavam que ele estava em estado de choque e sob ameaça de uma parada cardíaca.

A médica raciocinou rápido. Sabia que a única esperança era o antídoto, mas não podia ter certeza de que se tratava de picada de uma *taipan*. Um contraveneno errado não faria efeito nenhum e o teste para confirmar qual o tipo de cobra o atacara levaria tempo. A única esperança de Brady era o antídoto polivalente, uma mistura de antitóxicos contra as peçonhas de todas as cobras australianas. «Não podemos perder um minuto», pensou a médica, introduzindo-lhe uma agulha na veia.

Brady voltou a si deitado de lado. Dobrado em dois de agonia, suas ânsias de vômito eram tão tremendas que ele pensou que seu estômago ia-lhe sair pela boca. «Será o meu fim?», perguntava-se. «Eu podia ter deixado um testamento para Blanche», lamentou, tentando afastar de si a névoa que lhe turvava a mente.

Por volta das 17 horas, Blanche estava ao lado de Brady. «Você vai ficar bom, Clivey», lhe disse ela.

«Eu devia ter ido com você às corridas», respondeu-lhe o marido num fio de voz, tentando sorrir.

Lentamente, o estado de saúde de Brady foi se estabilizando. Transferiram-no para o Cairns Base Hospital, a uma hora de distância, onde o veneno em seu sangue foi definitivamente identificado. O paciente registrava melhoras, mas a cobra ainda lhe fazia mal. Quando o antídoto começou a neutralizar a neurotoxina, um outro componente nocivo entrou em ação.

Pelas 20 horas, ao colher uma amostra de sangue, a enfermeira reparou que este gotejava do orifício onde introduzira a agulha. Chamou um dos médicos, Sean Newell, que correu para junto de Brady.

Tantas horas depois da picada da cobra, uma hemorragia assim só poderia ter uma causa: certo ingrediente do veneno que interfere com o mecanismo de coagulação do san-

gue, o que poderia provocar uma hemorragia interna mortal.

Newell ficou sobressaltado ao ver sangue com consistência de água gotejar dos 14 orifícios da ferida. Na cavidade bucal, ele pingava das gengivas e se acumulava sob a língua.

«É preciso dar-lhe mais antídoto já!», disse Newell. Em seguida, acalmou o paciente: «Clive, vamos recuperar seu fator de coagulação.» O médico desejava estar tão confiante como pretendia demonstrar. Os exames revelaram que, de tão reduzido, o fator nem se conseguia registrar.

Newell transfundiu antiveneno e plasma nas veias de Clive para tentar estancar a hemorragia, mas, durante horas, não houve como. Grandes manchas vermelhas cobriam os lençóis de Brady. «Se continuar assim, ele não vai agüentar muito», disse Newell, desalentado.

Por volta das 23 horas, o fator de coagulação de Brady começou a se restabelecer. Gradualmente, a hemorragia diminuiu e, ao fim de 15 horas de luta pela vida, ele mergulhou num sono profundo.

CLIVE BRADY foi um dos afortunados sobreviventes da picada de uma cobra cujo veneno é cerca de oito vezes mais letal que o da naja. «Aquilo esteve por um fio», desabafou o Dr. Newell. «Foi o desejo de viver de Brady que o ajudou a vencer sua luta.»

FOTO: © DE FRITHFOTO/BRUCE COLEMAN

UMA DAS vantagens de sermos desarrumados é que estamos sempre fazendo descobertas emocionantes.

— A. A. Milne